

SADIE MATTHEWS

AS PROMESSAS
DA NOITE

Tradução de Catarina Campos

5 SENTIDOS

Para J.T.

Capítulo um

Encontro-me dentro de um pedante e lustroso Bentley, reclinada sobre o banco de pele, a observar as ruas nevosas de São Petersburgo pelos vidros fumados. À frente, estão o motorista e o corpulento guarda-costas, ambas as cabeças cobertas por uma curta penugem grisalha. As portas do carro estão bem fechadas, o trinco afundado na pele escura sob a janela. Por momentos, imagino-me a destrancá-lo, mas sei que seria impossível. Não tenho como escapar.

Mesmo que pudesse, para onde iria? Não conheço a cidade, não falo a língua e não tenho dinheiro; até o meu passaporte está trancado no cofre do hotel. E avisaram-me de que é um sítio perigoso. Disseram-me que estou vulnerável e que é por isso que não me deixam sozinha fora do hotel. Tenho comigo o telemóvel mas não estou a ver a quem ligaria. Os meus pais estão longe, em Inglaterra. Quem me dera, de todo o coração, estar lá agora, a entrar na nossa acolhedora cozinha onde encontraria o meu pai a ler o jornal enquanto toma o chá da tarde, ao passo que a minha mãe anda por ali atarefada, a fazer seis coisas ao mesmo tempo e a refilar com ele para que saia do caminho. No fogão, qualquer coisa deliciosa a cozinhar, e um concerto de música clássica a tocar na rádio.

Consigno invocar a cena com tanta nitidez que quase sinto o cheiro do guisado e consigo ouvir a música. Quero correr para os braços dos meus pais, pedir-lhes para não se preocuparem.

Mas eles não estão preocupados. Sabem onde estou. Acham que estou totalmente segura. E é verdade. Estou a ser muito bem tratada.

Demasiado bem? Tento conter o arrepio que ameaça tomar-me.

Um par de olhos azuis fixa-me. Sei-o, mesmo não estando a olhar para o homem ao meu lado. Sinto o raio-laser do seu olhar a queimar-me a pele, e estou muito consciente do corpo dele, apenas a um lugar de distância. Não quero que perceba que estou assustada.

A tua imaginação vívida! Ralho comigo. Vai ser a tua ruína. Estás perfeitamente bem. Não vamos ficar aqui muito tempo. Partimos depois de amanhã.

Isto devia ser um sonho tornado realidade, para mim. Estou aqui porque Mark, o meu patrão, está muito doente para viajar; mas, apesar das circunstâncias lamentáveis, é uma oportunidade fabulosa. Sempre quis visitar o Hermitage, ver a grande e inestimável coleção de arte, e agora estou a ser levada até lá, não apenas à zona de exposições, mas ao coração do museu, para conhecer um dos especialistas. Vai dar-nos o veredito sobre a pintura perdida de Fra Angelico que o cliente de Mark, Andrei Dubrovski, adquiriu recentemente, e que foi agora analisado como deve ser.

Esta é a viagem de uma vida, e eu devia estar eufórica e entusiasmada.

Não receosa.

Tento abafar as palavras antes que se formulem na minha cabeça. Não estou receosa. Porque estaria? E no entanto...

Chegámos ontem à noite, quando o jato privado de Dubrovski aterrou no aeroporto. Como é costume, as formalidades foram rápidas e discretas. Perguntava-me como seria quando tivesse de voltar a ficar na fila para mostrar o passaporte ou passar pelo controlo de segurança, ir até alguma longínqua porta de embarque para apanhar um voo. Saímos diretamente do avião para uma longa limusina preta – um pouco mais vistosa do que esperaria para um homem com o gosto de Dubrovski, mas talvez as coisas sejam diferentes, aqui na Rússia – e deslizámos pela autoestrada num breve percurso até São Petersburgo.

– O que está a achar da Rússia até agora? – perguntou Andrei à medida que o carro ronronava suavemente através do trânsito da autoestrada.

Contemplei a noite mas não havia muito para ver através dos vidros do automóvel. Ao fundo, a escuridão tingia-se de laranja,

a iluminação da grande cidade projetava-se no vasto céu da noite acima de nós.

– Não sei bem – repliquei. – De manhã, respondo-lhe.

Andrei riu-se.

– Já sei o que vai dizer. É um frio dos diabos! Acredite, em comparação, Londres vai-lhe parecer um paraíso tropical.

Ri-me também, e torci para ter soado convincente. Desde o voo, as emoções estão uma confusão. Andrei, para quem tenho trabalhado nas últimas semanas, revelou que estava a par da minha relação com Dominic e também sabe da separação. Mesmo assim, não se poupou a declarar que, tanto quanto lhe dizia respeito, Dominic era agora seu inimigo. E depois proferiu aquelas três palavras, as que viraram o meu mundo do avesso.

Chega de jogos.

Foram essas as palavras sussurradas ao meu ouvido pelo homem com quem fiz amor na escuridão, durante uma festa nas catacumbas. Pensei que tinha sido Dominic: neste momento, porém, receio que fosse Andrei. O problema foi estar com a percepção afetada pelo facto, quase certo, de ter sido drogada, provavelmente por Anna, a ex-amante e funcionária de Andrei, cujos sentimentos arrebatados por Dominic nos têm causado todo o tipo de problemas.

Só de pensar na noite que passámos naquele subterrâneo estranho dá-me volta ao estômago.

Se fiz amor com Andrei, então fui infiel a Dominic, conscientemente ou não. E se Andrei é o tipo de homem para abusar de uma mulher que nitidamente não está em si, do que mais será capaz?

Olhei de relance para Andrei, que afastou o olhar de mim por instantes, inclinou-se para a frente e murmurou qualquer coisa em russo ao guarda-costas. O físico dele era entre o atraente e o ameaçador, os ombros largos por baixo do sobretudo, as mãos grandes e fortes. O fato de corte perfeito, numa lâ cor de carvão, pouco conseguia disfarçar o corpo firme e musculado que escondia. O rosto escarpado, com olhos azuis penetrantes e a boca em linha reta, sem sorrir, com o lábio inferior protuberante e afirmativo. Apesar do meu amor por Dominic, senti por vezes um arrepio de atração que o magnetismo físico dele provocava em mim. Odiava-me por

isso, mas era mais forte do que eu. Talvez por isso tenha ficado tão angustiada com a hipótese de termos feito amor selvagem e apaixonado contra a pedra fria das paredes do subterrâneo: parte de mim sabia que o desejava, apesar de me ter tentado convencer do contrário.

Não que ele tivesse agido contra a minha vontade. Perguntou-me se eu queria, e praticamente supliquei-lhe que me penetrasse com toda a força possível. Foi sem dúvida um ato consentido.

À exceção do pequeno pormenor da identidade. Saberá ele que eu estava convencida de que se tratava de Dominic?

Era impossível saber sem lhe perguntar e ainda não tinha reunido coragem para o fazer.

– O que se passa, Beth? – pergunta, com voz áspera e quase irritante, interrompendo-me os pensamentos. Assustada, dou um salto. Não me dei conta de que continuava a olhar para ele enquanto matutava sobre os acontecimentos recentes, tentando encaixar as peças do *puzzle*.

– N...nada – respondo. Recupero a compostura tão rápido quanto possível. – Estamos quase a chegar?

Apercebo-me de que abrandámos e que, nos últimos minutos, avançamos a passo de caracol.

– O trânsito de São Petersburgo – explica Andrei, de forma abrupta. – É famoso por ser um caos, sobretudo quando há neve na estrada o que, como pode imaginar, é frequente. Mas penso que estamos quase lá.

Ainda vamos a meio da manhã e já parece fim de dia, com as nuvens escuras e baixas, carregadas com mais neve pronta a abater-se sobre nós. Olho pela janela outra vez, e vejo que nos aproximamos de um grande e largo rio; na margem oposta, reparo num conjunto incrível de edifícios: vários palácios barrocos, com centenas de janelas que brilham sombriamente, perto uns dos outros, distintos e no entanto em grupo. Domina-os um palácio tão grande e ornamentado que parece saído de um conto de fadas.

– O Museu Hermitage – anuncia Andrei, orgulhoso. – Sem sombra de dúvidas, o museu mais bonito do mundo. Com tal esplendor, tal beleza. – Aponta para o palácio maior e mais barroco, com a sua

vasta linha de colunas e paredes verde-escuras entre janelas com pórticos.

– Aquele é o Palácio de Inverno, a casa dos imperadores russos. Dali, governaram mais de cento e vinte cinco milhões de almas e um sexto da superfície à face da Terra. Impressionante, não?

Tem razão. É uma vista magnífica. Por momentos, imagino que sou Catarina da Rússia, transportada numa sumptuosa carruagem a caminho da minha espetacular casa, cheia das obras de arte que coleciono. Depois lembro-me como seria a vida de um russo vulgar, excluído dos circuitos luxuosos e dourados daquele palácio, prestável apenas para trabalhar na sua construção, ou ser obrigado a pagar impostos que sustentariam as gloriosas obras de arte nas paredes sem sequer ter o privilégio de as ver alguma vez.

Mas os tempos mudaram. Estes edifícios são agora abertos ao público, todos podem visitá-los, apreciar a sua beleza e disfrutar dos tesouros que guardam.

– Em que está a pensar? – pressiona-me Andrei.

– Extraordinário. – Não consigo pronunciar mais nada, estou arrebatada. Atravessamos o rio e aproximamo-nos do Palácio de Inverno, após o que paramos em frente a um portão de ferro forjado solidamente trancado. Um instante depois um homem corre para abri-lo, faz um gesto dando-nos passagem, e entramos num pátio com um jardim ao centro, coberto de neve, as árvores nuas com os ramos carregados de branco, os troncos negros em contraste com toda aquela alvura. A porta fecha-se atrás de nós.

– As filhas de Nicolau II costumavam brincar aqui – comenta Andrei, enquanto sentimos o carro parar de repente em frente a uma porta ornamentada. – Imagine, quatro distintas duquesas a correr, a soltar risadas, atirando bolas de neve aos soldados que garantiam a sua proteção. Sem saber a morte desgraçada que as espera.

O motorista já saiu do carro e abre a porta a Andrei. Tremo, ao sentir o ar gelado entrar no habitáculo quente, e afasto a imagem do destino das pobres crianças.

Ao ver o motorista aproximar-se da minha porta, ponho o chapéu e as luvas. Ajuda-me a sair de dentro do carro para o chão gelado e conduz-me ao outro lado, onde Andrei espera por mim.

– Uma entrada privada – anuncia; um ligeiro sorriso aflora-lhe aos lábios. É tão raro sorrir, mas mesmo este pequeno esforço consegue iluminar-lhe os traços escarpados e amenizar-lhe o olhar gelado. – Estas coisas podem ser combinadas.

Afinal não é bem aberto ao público. O dinheiro continua a abrir portas proibidas.

A porta abre-se e sai de lá um homem. É de meia-idade avançada, e usa um enorme sobretudo preto, chapéu de pelo e botas. Está sorridente, os olhos enrugados atrás de uns óculos de aros largos de massa preta. Avança de forma expedita para Andrei, cumprimentando-o efusivamente em russo. Falam por breves instantes, e eu tento disfarçar que já estou a tremer de frio, apesar do casaco quente. Olho com inveja para o motorista dentro do carro aquecido.

De repente, Andrei começa a falar em inglês, apontando para mim.

– E esta é Beth, a minha consultora de arte. Ela estava lá, quando adquirei a peça. – Não se dá ao trabalho de me explicar quem é o senhor, mas consigo perceber que é alguém importante do museu.

– Senhora Beth – cumprimenta-me o homem num inglês com pronúncia, fazendo uma vénia. – Por favor, vamos entrar. Vejo que estão com frio. – Seguimo-lo ao passar a porta que dá acesso ao interior do palácio. Quase solto um arquejo. Mais ninguém reage ao interior magnífico – estão obviamente habituados –, mas eu fico boquiaberta com a opulência à vista. Chão de mármore, candeeiros dourados com abajures de cristal, espelhos trabalhados, quadros espantosos em molduras de talha dourada – para onde quer que olhe, há cor e esplendor, brilho, decoração sofisticada.

Os dois homens à minha frente falam outra vez em russo, enquanto caminho atrás deles a tentar absorver tudo. Aqui estou eu, no Palácio de Inverno, em São Petersburgo. Não está aqui mais ninguém, por isso devemos estar numa zona privada, inacessível ao público. Que sortuda que sou... E no entanto, não consigo deixar de me sentir inquieta. Estou num sítio estranho, um amplo palácio, sem ideia alguma da minha localização precisa.

O acompanhante de Andrei volta-se para mim, sorridente.

– É a sua primeira vez aqui, Senhora Beth?

Assinto com um gesto de cabeça. Gostaria que se deixasse do «senhora», mas não sei como pedi-lo delicadamente.

– É um grande palácio, não é? Há mil e quinhentas divisões neste palácio, e cento e dezassete escadarias. Por favor, não se perca, não será tarefa fácil encontrá-la! – Ri-se e volta-se para Andrei.

Não sei porquê, mas não acho a perspetiva de me perder aqui tão divertida como ele.

Continuamos. Os homens à frente mantêm um passo veloz, o que significa que mal posso absorver as vistas espantosas e os muitos quadros espetaculares pendurados nas paredes, ao passar. Subimos a escadaria em carvalho escuro para o primeiro andar, e em seguida atravessamos vários corredores, antes de finalmente chegarmos ao destino, uma grande porta de madeira envernizada, com uma maçaneta de bronze trabalhada e um brasão.

O nosso guia abre a porta num gesto teatral:

– Façam favor de entrar!

Conduz-nos a um salão, a mobília sóbria de gabinete em contraste com o teto dourado, o enorme candelabro e as amplas janelas. As paredes estão cobertas de seda vermelha, quadros enormes em molduras de talha dourada brilham sobre elas. Reparo, ao canto, num grande cavalete, em que está uma tela coberta com um pano simples.

O nosso amigo começa a falar em russo, mas Andrei ergue uma mão, enluvada, e abana a cabeça:

– Não, Nicolai. Em inglês, por favor, por respeito à minha consultora.

– Claro, claro! – Nicolai sorri-me, obviamente contente por agradar. – Em inglês será. – Faz um gesto para que nos sentemos nas cadeiras em frente à secretária. – Por favor, fiquem à vontade.

– Não estamos aqui para conviver – declara Andrei, quase rude. – Sabe o que quero. Qual é a resposta?

Nicolai retira o chapéu de pelo, num gesto lento, revelando a careca redonda e brilhante no topo da cabeça, e coloca-o sobre a secretária. Começa a desabotoar o casaco, de sobrolho franzido. Quando se liberta do casaco, diz:

– Não posso mentir, Andrei: este é um dos casos mais complexos

que nos vieram parar às mãos. Os meus especialistas têm sido extremamente minuciosos na sua análise.

Andrei fica muito quieto.

– E?

Olho para a cara dele. Tem os lábios contraídos, o inferior espetado daquela forma obstinada, e os olhos ardem de intensidade. Sei o quanto quer ouvir a resposta. Esta pintura já nos fez passar por muito. Eu própria estou ansiosa: o meu coração acelera e sinto-me sem ar. Dou-me conta de que tenho as mãos contraídas dentro dos bolsos do casaco.

É evidente que Nicolai tem uma queda para o drama. Aos poucos, coloca o casaco nas costas da cadeira, e em seguida avança para o cavalete, do outro lado da sala. Pega no canto do pano que cobre a tela, faz uma pausa e depois puxa-o, de modo que o tecido vai revelando o que está por baixo, devagar. E ei-la, em toda a sua glória: a bela e reluzente pintura que vi pela última vez no mosteiro da Croácia. A Madona continua sentada, serena, no seu magnífico jardim, o bebé sobre as pernas, os santos e os monges em redor. É de facto um encanto, e, no momento em que lhe ponho os olhos em cima, a fé reanima-se.

Isto é verdadeiro. De certeza. Como pode alguma coisa que não é uma obra-prima ser tão bela?

Uma súbita punhalada de tristeza atinge-me, de surpresa. Qualquer coisa lúgubre toma conta de mim, ao recordar o que aconteceu no mosteiro: o encontro soberbo com Dominic. Foi como se a nossa relação tivesse sido reavivada e fortalecida. Agora, estamos separados outra vez, e desta feita, receio que não sejamos capazes de ultrapassar o fosso entre nós.

Revejo-o em pensamento, tal como estava da última vez que nos vimos, tão nítido e vívido que não consigo evitar uma inspiração profunda. Mas o belo rosto está endurecido pela fúria e pelo medo, os olhos brilham. Oiço as palavras dele outra vez:

Quero que jures pela tua vida que não se passou nada entre ti e o Dubrovski. Vá lá, Beth. Jura.

Mas não fui capaz. Não podia ter a certeza. E isso lançou-nos

numa espiral de distanciamento, a valiosa confiança que partilhávamos, quebrada. Para sempre?

Não. Não vou permitir. Vou garantir que isso não fica assim.

A voz de Andrei, áspera e pesada, traz-me de volta ao presente. Quero desesperadamente estar com Dominic, não aqui, neste país estranho, com este homem que é a causa de todos os problemas. Isto é pura loucura.

– Vá lá, Nicolai. Qual é a resposta?

Nicolai coloca os óculos e observa a pintura de perto, dando estalidos com a língua. Por fim, declara:

– A pincelada é magnífica, a pintura, esplêndida nos seus matices. Estão exatamente de acordo com o que esperamos do génio de Fra Angelico. Tudo: a composição, a perspetiva linear, o estilo, é quase perfeita.

– Quase? – refila Andrei.

Nicolai anui com a cabeça, de forma pesarosa.

– Perfeita, exceto num aspeto. A análise dos pigmentos e da tela em si revelam que esta obra não tem mais de duzentos anos. É um *pastiche* muito inteligente, encantador e entusiasmante. É uma grande obra de um grande talento, mas não é de Fra Angelico.

Encara Andrei, que está em pé, como uma estátua, de cara lívida.

– Lamento, Andrei, mas não há margem para dúvidas. O quadro é falso.